

CYAN MAGENTA YELLOW BLACK

#### AS ILUSÕES SÃO IMPIEDOSAS

Se o trabalho criativo isolado é árduo, aquele que se desenvolve em dupla ou qualquer outro conjunto impõe ainda mais barreiras, porque pressupõe espécie exigente de química para proporcionar resultado adequado. O que se tem neste *O sol e as sombras* não é a primeira realização em dupla que desenvolvo com Floriano Martins. De quando em quando, renovamos desafios, um ao outro, porque a tal química parece funcionar. As gravuras aqui reunidas foram produzidas ao longo de muitos anos e diversas delas até já estão publicadas em livros anteriores. Apresentei ao poeta cerca de 60 imagens que me diziam ter algum ponto de contato e, delas, Floriano fez nova seleção de 34 - talvez guiado por seus títulos, para com elas conversar. Sei que algumas falaram mais rapidamente; outras menos e houve também aquelas que não cabiam nesse diálogo. Se não estou enganado, a escolha do parceiro recaiu sobre aquelas que aludiam sobretudo à memória, bem como a indagações, buscas e reflexões. Os presentes poemas de Floriano, comparados com outros de sua obra, são, ao meu sentir, mais narrativos, soltos e espontâneos. Eu fiquei muito satisfeito com o resultado porque fomos além das 34 imagens visuais somadas a 33 poemas. Mais do que 67 partes que podem funcionar separadamente, chegamos a um todo que ilude mais, sem piedade do olhador e do leitor.

Valdir Rocha



VALDIR ROCHA | FLORIANO MARTINS

O SOL E AS SOMBRAS

# O sol e as sombras

VALDIR ROCHA | FLORIANO MARTINS

ISBN 978-85-62402-19-7



9 788562 402197

#### DESERTOS FLORIDOS DA DIVERSIDADE

A criação sempre foi o único recurso de fundação de uma humanidade em nós. Escutar a melodia da imagem, tendo sempre no espírito o ritmo com que imaginário e criação se entrelaçam. A cada desafio que me faz Valdir Rocha se amplia a juventude lírica de minha alma. Desta vez fisquei entre suas incontáveis gravuras em metal o vozerio de umas tabuletas que vieram me soprar no ouvido a íntima relação entre o pensamento indígena e as sombras definidas de nossas sociedades. Se fui buscar argumento no ambiente mesoamericano do *Popol Vuh*, isto se deu pelo singular fascínio por quanto pensamento e vida se mesclam na cosmogonia maia. Ouvindo as peças de Edgar Varèse dedicadas a este livro da Criação, sempre me pareceu que sua leitura musical havia reduzido a diversidade do mito fundador. Diante da força expressiva das gravuras de Valdir Rocha - ardilosas em sua aparente repetição -, voltei a navegar por essa tessitura sofisticada e evoquei outra música, delicada improvisação de encontros, como em toda descoberta, entre o acordeonista francês Richard Galliano e a cantora canadense Molly Johnson. No decorrer de uns poucos dias me concentrei na voragem sedutora de vários discos de ambos os músicos e me pus a dialogar com as gravuras de Valdir Rocha, naturalmente guiado pela soma. A oposição somente se justifica como um garimpo da convivência. Este é um encontro feliz.

Floriano Martins

VALDIR ROCHA | FLORIANO MARTINS  
gravuras em metal | poemas

# O sol e as sombras



São Paulo - 2014

**O sol e as sombras, 2014**

© Valdir Rocha, gravuras em metal

© Floriano Martins, poemas



é marca de

Oliveira Rocha - Comércio e Serviços Ltda.

Todos os direitos desta edição reservados a

**Oliveira Rocha - Comércio e Serviços Ltda.**

Rua Sena Madureira, 34

CEP 04021-000 - São Paulo - SP

e-mail: atendimento@dialetica.com.br

Fone/Fax (11) 5084-4544

**www.pantemporaneo.com.br**

ISBN nº 978-85-62402-19-7

Capa: " Horizonte", gravura em metal, de Valdir Rocha.

Revisão de texto: Márcio Simões

Projeto gráfico: Nelson Mitsuhashi

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Rocha, Valdir  
O sol e as sombras / Valdir Rocha (gravuras em metal); Floriano Martins (poemas). -- 1. ed. -- São Paulo : Pantemporâneo, 2014.

ISBN 978-85-62402-19-7

1. Artes plásticas - Brasil 2. Artistas plásticos - Brasil 3. Gravuras em metal 4. Poesia brasileira. I. Martins, Floriano. II. Título.

14-11974

CDD-730.981

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Artistas plásticos brasileiros : Apreciação crítica 730.981

*Na natureza existem tão poucas cores quanto linhas  
só existem o sol e as sombras Dá-me um pedaço de carvão  
e eu te darei o quadro mais belo.*

Francisco de Goya

## ESPECTRO

O céu tangendo seus azuis para o calor do olhar.  
Diferente da escuridão, quero voltar ao mesmo sítio  
e abraçar o que antes estivera escondido.  
As tribos separadas por nomes evocando deuses.  
A língua secando ao sol convertendo palavras em totens.  
Os primeiros animais se espalharam pela terra  
e misteriosos alegraram os poços do esquecimento.  
Quero amanhecer as diferenças sobre o espinhaço  
orvalhado do tempo: as pétalas iluminadas do ser.  
Risco o perfil de todas as formas à distância.  
Quando os sentidos se afastaram entre si, estive  
à espreita de cada fungo, bactéria, frase solta.  
Auscultando a idade dos poros por onde o homem  
alardeia seus cantos de ilusão e permanência.





## INSACIÁVEL

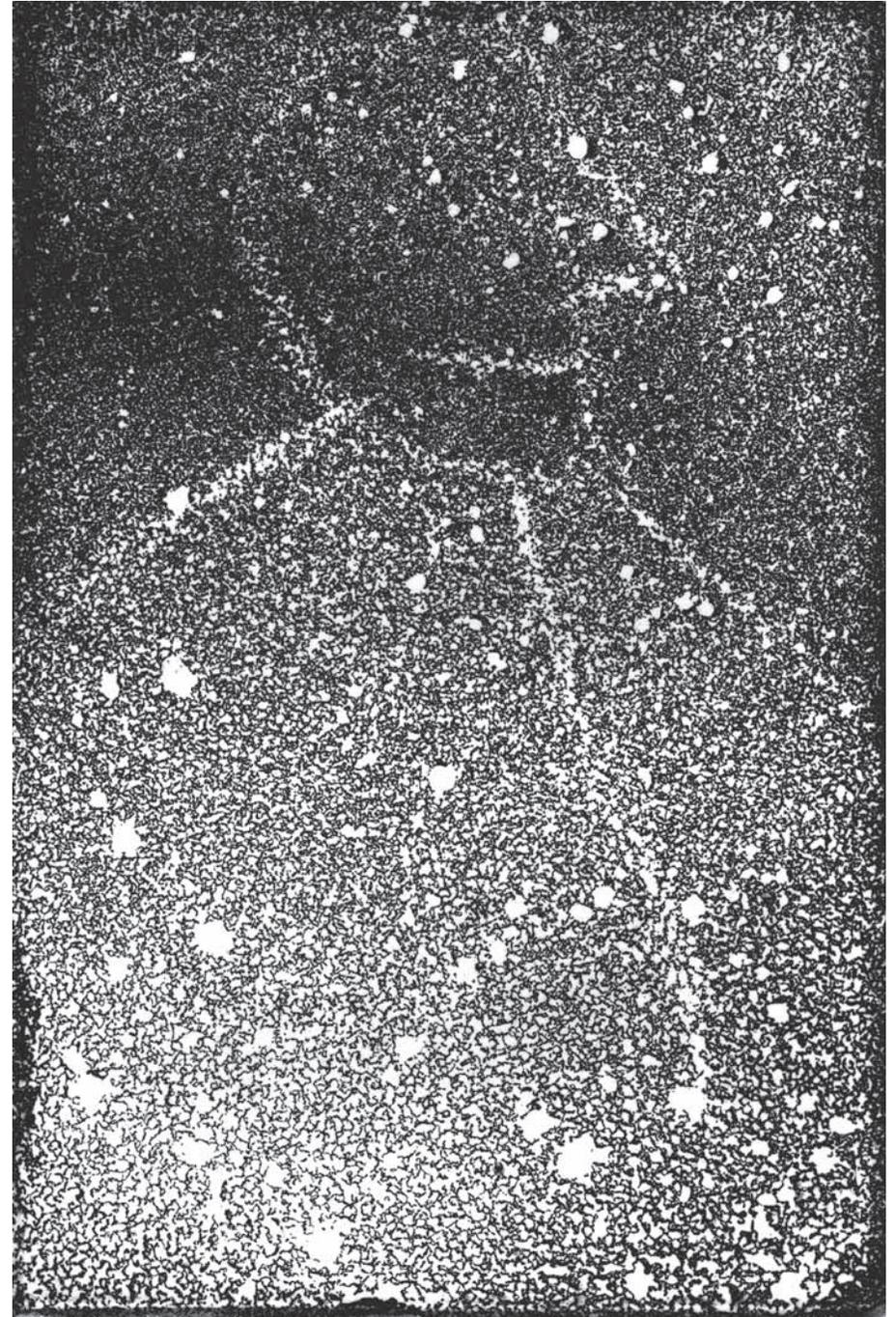
Eu disse ao primeiro: sossegue o sentido da flecha, até que o alvo aprenda por onde as sombras passam. O segundo distendeu o arco até que se confundisse com o próprio corpo coberto de plumas e folhas. Se acaso houvesse tempo para interrogar o terceiro decerto saberíamos que seu disparo fora improvisado. Como confiar em um deus criado pelo homem? Como desatar o nó das tribos em suas vísceras de fé e medo? Foram muitas as lápides escavadas à margem dos rios, hordas migrando sob o sol pelo espinhaço do abismo, delírios apaziguados com beberagens, reza e canto. Sequer os loucos de cada aldeia intuíram o desatino. As flechas zuniam alheias aos prantos dizimados. Não houve fogo ou frio que retivesse a ira rasgada. Os deuses jamais deram uma declaração à terra. Jamais soubemos o peso excessivo de nossa confiança.

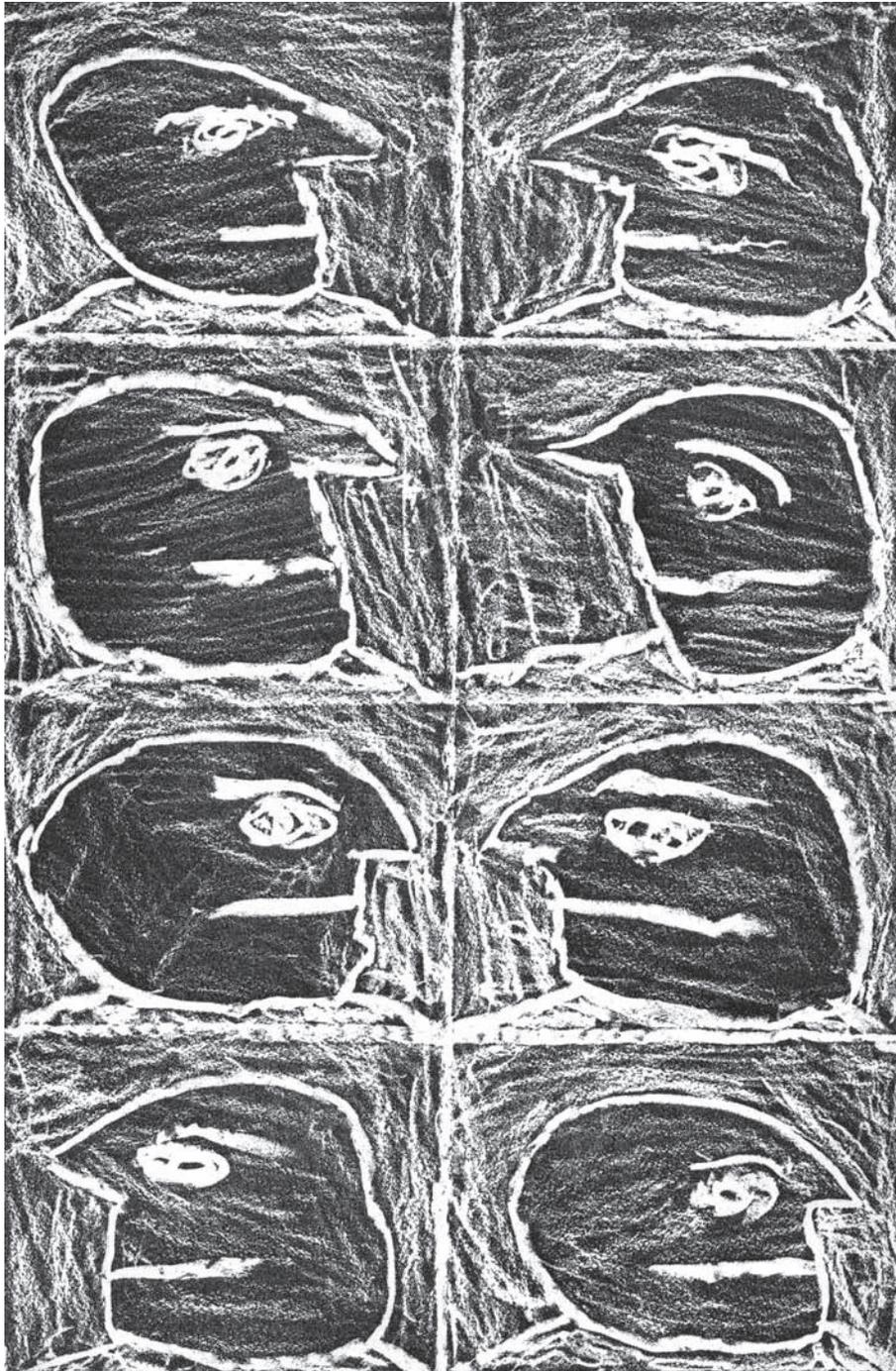
## NÉVOA

A avó confabulava caraminholas por toda a aldeia.  
Habitava um mundo surpreendido pela vitrola  
dos vislumbres e o cajado silencioso da memória.  
Seu riso vinha do mirante; o sofrimento, do berço.  
Meninos e monos se revezavam em levar-lhe  
a comida, lavar-lhe as partes, acatar-lhe os truques.  
A avó extraviada do sábio rumor de sua alegria,  
o canto de sua lâmpada desaparecendo, o verbo  
evitando as escadas fortuitas de cada desastre.

*– As imagens contornam a temperatura do chá,  
eu ainda escuto o sermão do acaso, imprudente  
que fui com a vocação das sombras mais solícitas*

Com a avó perdemos todos um borrão apócrifo  
que ensina como o dia recomeçar em si mesmo.  
O mundo não é o que vemos gritando nas ruas,  
mas aquele que se acocora sofrido dentro de nós.





10

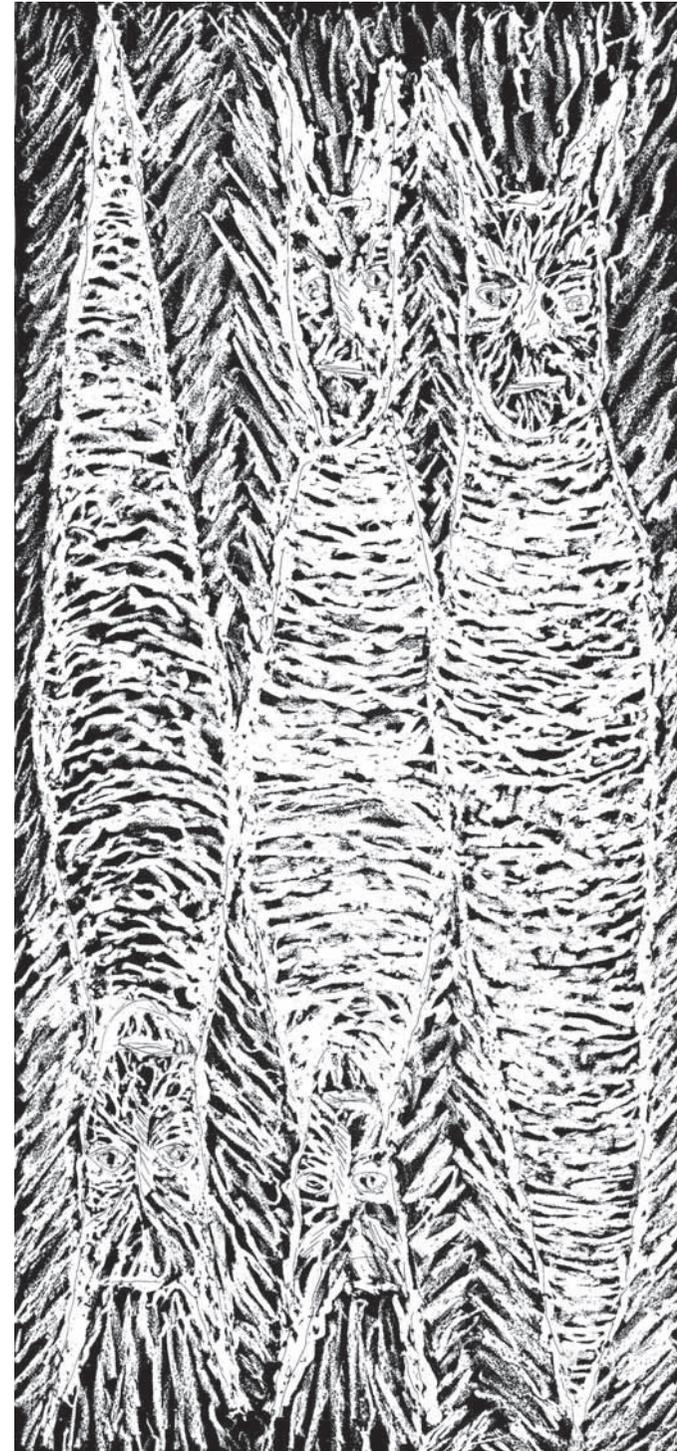
## FUTRICA

As cidades se entreolham, maquiando suas dores.  
Os reinos cresceram tortuosos, altares à míngua.  
As nove casas foram chamadas a identificar a queda.  
Trouxeram consigo um farnel de cal e bênção,  
como se a ilusão voltasse a modelar todas as almas.  
Novo saldo de impertinência acumulando poeira.  
Paradigma gasto dos dias mais escuros lembrados  
com a moenda dos sacrifícios ainda suja e quente.  
Os filhos arrastando seus grillhões, o olhar turvo,  
repetindo suadas ameaças de fuga de outras eras.  
Cenário descascado como um tempero da memória.  
Rostos revirados como folhas colhidas pelo acaso.  
Como arapucas e carapuças, um cento de mágoas.  
Na primeira das casas uma figura picava as sombras.  
Logo se via um balde de cinzas na soleira vizinha.  
As nove casas cerziam o retábulo de seus feitiços.  
– *A opulência antecipa a maldade* – ouvimos a víbora  
soletrando as asas de um mosquito antes de tê-lo.

11

## AMBÍGUOS

O verbo é um cocar, um ídolo disfarçado,  
um medo de sangrar até o esquecimento.  
O verbo não quer ser investigado por ira,  
tramoia, farpas, milagres ou confidências.  
Não há verbo no céu ou deus na terra.  
Todas as formas são dissidentes, sombras  
que um dia planejam ser a mais soberana  
de todas as feridas, um cardume silenciado,  
o busto ambíguo de um deus finito, carranca  
com que me anuncias a partição do reino.  
Rebentamos a vida creditando valores  
ao horizonte e à geografia dos devaneios.  
Nada nos impede de consultar a dissidência.  
Por vezes o verbo não faz sentido algum.





14

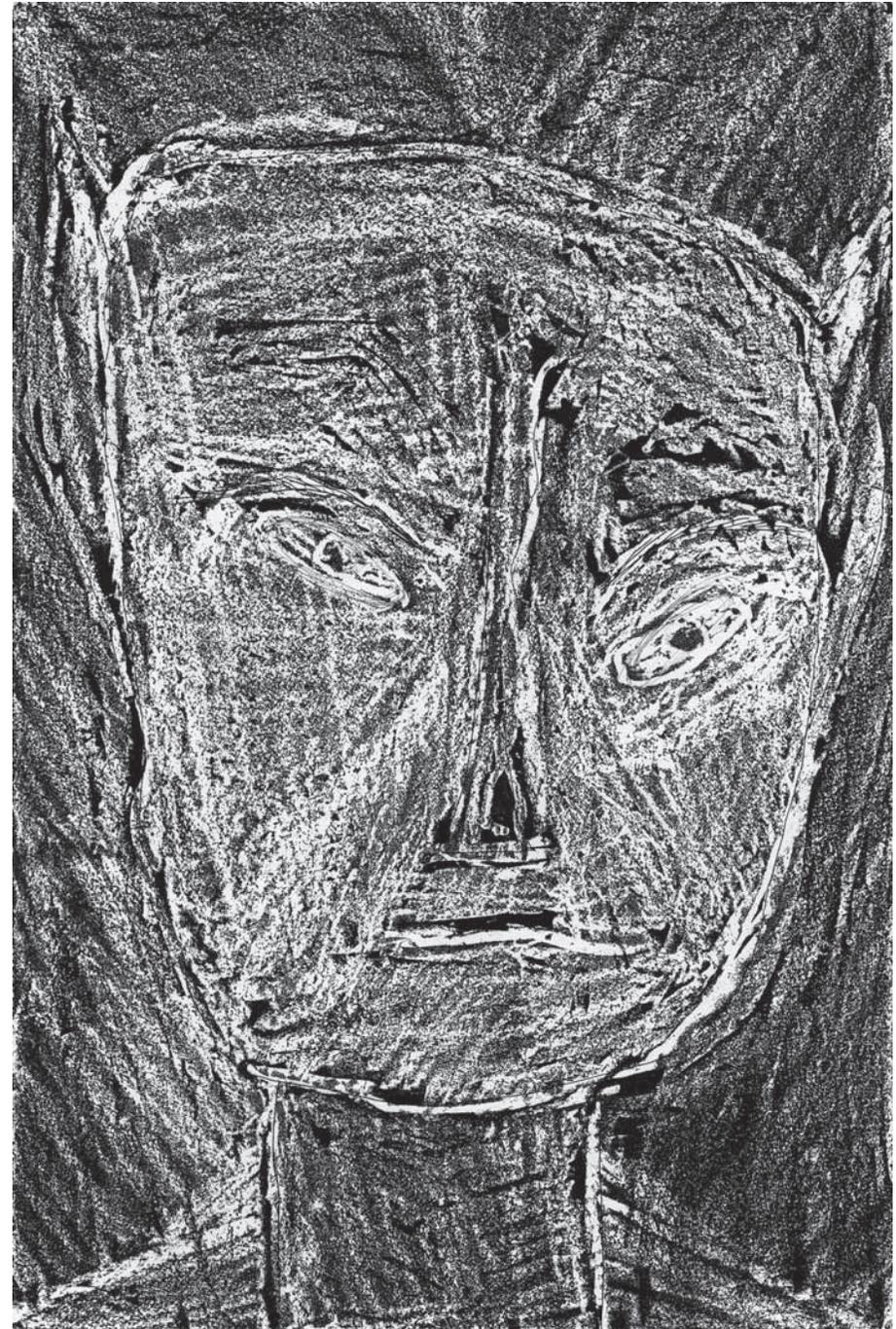
## IMERSO

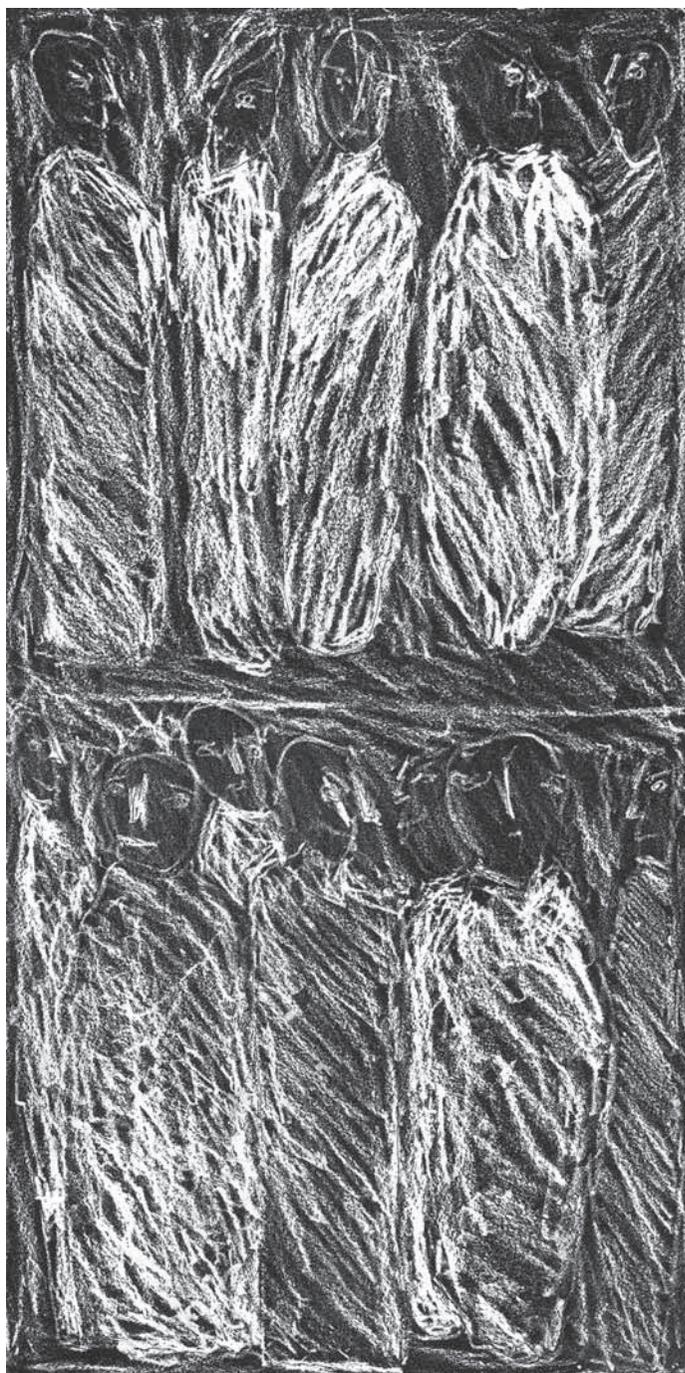
Os primeiros ritos trouxeram consigo o esqueleto do infinito. Um estirão de montanhas bem paridas produzindo alimento para um sortimento variado de fomes de corpo e alma. Era importante não esquecer o que se estava construindo, dar conta dos truques musculares de cada forma encontrada. Quando uma árvore rir deve saber que está debaixo do céu. Cabe ao arquiteto, ao rabiscar uma esquina, tocar seus lados, de modo que as sombras e a chuva saibam como ir e vir. Ouvimos cada objeto sussurrar suas querências, a visão de um traje mágico que envolve tudo aquilo que nos cerca. Quando as estações começam a se multiplicar em nós, o interior de toda existência tece sua escritura própria. Os ritos sobem pelos avessos da criação até que alcancem uma outra sabedoria que dê forma ao que foi esquecido.

15

## DESMEMORIADO

Manhã cedinho as nuvens saem para pescar.  
Os pássaros se abrigam das zarabatanas da chuva.  
Três oradores substituem o sol em seus assuntos.  
O que antes era morte certa a avó soube perpetuar.  
Sem o agravante das rezas nenhuma árvore renasceu.  
Toda a floresta parecia não respirar de tão quieta.  
As pedras flutuam e ninguém sabe quem sou.  
Uma avalanche de olhares preserva o nome da avó.  
Tesouros prescritos se escondem por trás  
de uma música crescida enquanto capinamos  
a razão de estarmos aqui.  
Eu me arrepio diante dos planos do dia.  
Minha sombra é uma estranha para mim.  
Mesmo assim lhe agradeço quando me vem trazer comida.





## SUBIDA

O espelho a quem confesso meu nome.  
Excesso de estações que o ano não suporta.  
Os lábios rasgados de um símbolo a outro.  
Véus da cegueira, respostas sem brevidade,  
comidas frias desde que a noite se disfarce  
em soslaio e serpentes, vamos para o alto.  
Ali contamos as sombras, o mundo ao revés,  
corpos contra a corredeira, coisas ruins...  
Árvores amontoadas sem terra, formigas  
cantarolando em vidros sujos, lugar nenhum.  
Somos sete penumbras entrando em novo sol.  
Uma causa derretida pelo truque de outra  
que não se refez antes de devolver seu motivo  
àquela cujos ganhos eram dados mordidos.

## ESCÁRNIO

Rabisco o nome santo da metamorfose.  
Coleionei suas hóstias até o último escárnio da alegoria.  
As implicações do verbo são as mesmas  
do abismo planejado pelos deuses tutelares.  
O desejo é compatível com toda sorte de impiedade.  
Murmúrio viciado em anagramas,  
teia refeita por vislumbres,  
trapézio esquecido de seus ângulos.  
Saltérios fora de órbita, com uma melodia transcrita  
de modo que ninguém a acompanhe.  
Eu sou a pedra do reino em sua última ladainha,  
antes que as trevas solucem e o homem aja  
como se não soubesse mais amanhecer.





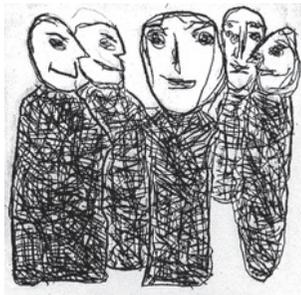
## RASTRO

O lugar de ser de cada letra,  
a oração convertida em pérola  
que nos decifra em fatias:  
não morra, ressuscite ou siga  
alguém pela terceira vez.  
Sempre vão nos matar.  
O mundo é uma fábula,  
até que nos descobrimos  
o personagem de sua saga.  
Eu me vi muito pobre ao chegar,  
recebido por casas flutuantes  
e mandados de felicidade.  
Incerto em minhas recusas,  
desconhecendo a própria morte.  
Dizem que agora, o que somos,  
é uma taça guardada no armário,  
e desde ali vemos desaparecer  
entre grandezas e subterfúgios,  
o mundo resignado à poeira,  
em números que não o ressuscitam.  
A imagem não acompanha a música  
com que se despede de nós:  
– *Esta é a única obra. Escutem seu nome.*

## INCRÉDULO

Por que não trazes para nosso leito  
algo que não seja teu nascimento?  
Quando começo a buscar teu nome no rio  
casalhos se multiplicam em formas inesperadas.  
Somos três ou quatro amigos insuspeitos,  
metidos em instrumentos que aceleram o vislumbre.  
O horizonte é uma árvore com mil galhos  
partidos pelo excessivo peso dos pássaros.  
Quem desapareceu dos nomes transcritos como uma fábula?  
Eu fui teu animal preferido.  
A perpetuidade de teu gozo como uma flauta afinada pelo riso.  
Os netos se reproduzem como uma vocação.  
A terra é impiedosa na tessitura de seus túmulos.  
A quem recomendo entrar e sair de cena?  
Àquele que não creia em minhas palavras.





## SÓCIOS

A noite saltando pela cumeeira das casas.  
A vida é outra coisa que ainda vamos contar.  
Indagados pela colheita do espanto,  
os sócios permanecem em silêncio,  
descascam suas pedras, osso por osso,  
como se a tempestade viesse para a ceia.  
Os mensageiros sabem até onde levar o rio.  
Os ventos tomam aulas com os morcegos.  
Casalhos ocultam em si grandes montanhas.  
Se vamos ressuscitar é melhor que saibam  
o que me disse outro dia cabisbaixo o outono:  
não há como lembrar o que fomos até aqui.  
Talvez tenhamos que incendiar rios, inundar  
casas e levar toda uma vida ocupados  
em escavar fundo nossa miserável aparência.

## APANHADO VIVO

Tudo vibra nos rastros que a trilha soletra,  
como um pecado temperado na areia  
ou a expressão da queda ao ressurgir no olhar  
de quem se esforça por esquecê-la.  
Os ocupantes do horizonte são austeros  
com aqueles que presumem a humanidade  
represada em seu espírito.  
Impossível aclarar o infinito.  
Sete são os pecados encomendados.  
Quase nenhuma a chance de escaparmos  
com vida de seus precipícios entalhados  
na fermentação do ser.  
Três vezes bebi a mesma água da solidão.  
O destino mascado como uma carne  
visitada pelo sol. Os deuses confabulam conscientes  
de que jamais retornaremos ao primeiro pecado.





## RÉU CONFESSO

Seus ossos esperaram por mim  
até que a árvore se pusesse a chorar.  
Dois sábios suspeitavam dos crimes  
atenuados nas rugas de sua caveira.  
O que teria frutificado este corpo?  
Quantas filhas anotamos até que a matéria  
se torne um minério improdutivo?  
A quem lamentamos quando o tempo  
simplesmente se esvai?  
As pedras desconhecem o nome do pai,  
do filho e do espírito santo.  
Uma perna levemente erguida,  
a saliva fustigando o acaso,  
o amor contestando a verdade,  
um prato de almas para a caveira eterna,  
e outro para quem não sabe  
reclamar seus males.  
O desejo carece de equilíbrio.  
Não me peçam que jure.  
Apenas saibam: não fui eu.

## NUNCA

Duas vezes fui vencido antes que me dessem os filhos  
o testemunho de seus invernos longe de casa.  
Duas vezes enterrei meu destino como um animal  
foragido de sua natureza.  
Iam e vinham as missões como mulheres sem queixas.  
Eu me vestia com suas peles e acreditava regressar ao lar.  
O fogo é uma mecha de conselhos que se apoderam  
da solidão: escárnio de luz em que se costura a ilusão.  
Os filhos se foram um dia e eu jamais me recuperei  
de suas palavras perdidas.





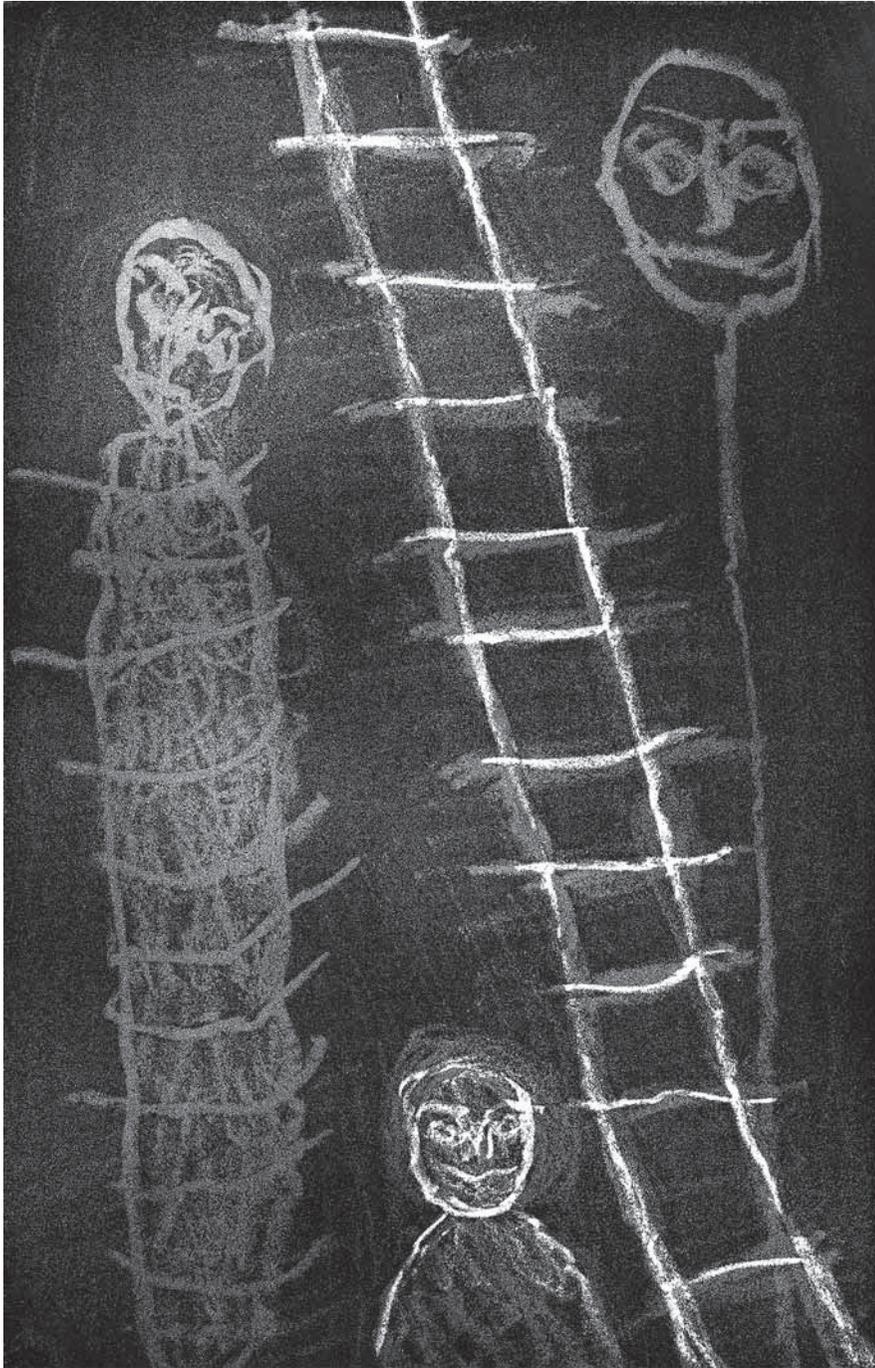
## PACTO

As aparências dividem o número de mortos  
sobre a esteira rolante dos acontecimentos.  
O erário caminha por outro fio de espólio.  
Madruga teus corpos na saliva de cada fogo  
com que queres refazer as penas e atavios.  
Apóstolos relutam ante a deformação do ser.  
Elimina a vergonha da dupla face do descuido.  
O mundo crê firmemente que é possível  
construir uma residência para que o infortúnio  
nos livre de suas penitências mais vorazes.  
O meu arrependimento está previsto em lei.  
Não batam à porta de minha casa duas vezes.

## MAIS TRÊS

De passagem por toda parte foram sempre três.  
O frio entalhado nos ossos, o sol anexado à pele,  
o desejo devastado nos sete mapas das trevas.  
Sempre três, de passagem por todos os ritos.  
A água profanada da sede, a carne apodrecida  
antes da fome, o amor dividido nos sete reinos.  
Três sombras difamando o tear das origens.  
Com olhos enevoados, três aguaceiros sagazes.  
Sem reconhecer o próprio perfil, sempre três.  
De passagem com suas máscaras emplumadas,  
faziam sexo com nossas mães, mulheres e filhas,  
e riam do caudal de aflição com que nos ungiam.  
Não houve compaixão durante o trajeto da pedra.  
Suas três figuras esculpidas nos sentenciaram dor  
e tormento, tufos de areia dentro e fora do mar,  
suplício confundindo o que somos, horas mortas.  
No dia em que se foram nos pusemos a rezar,  
desabrigados de tanta dor, por outras três mais.



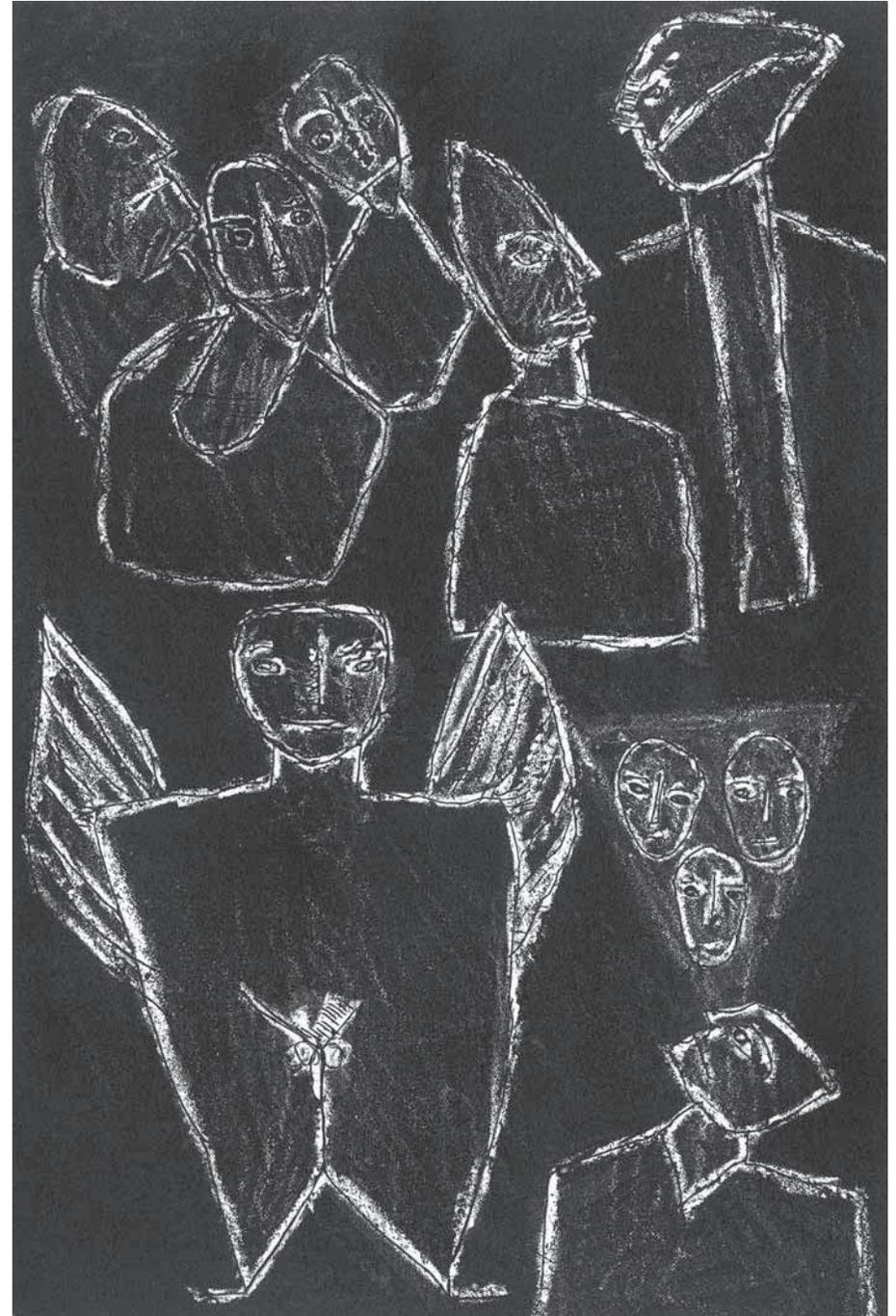


## CIRCO

Os primeiros adivinhos cuidaram  
para que nada fosse mudado de lugar.  
O sol lapidando suas esculturas:  
espigas que evocassem grandes animais.  
Antes que as escadas construídas  
confiassem aos céus ocultas figuras,  
deuses rateavam as hortas do destino.  
Três rostos flutuando sem que fossem  
identificados por nome ou vulto.  
Talvez um dia tenham sido tigres,  
malabaristas ou um último enigma.  
A noite regurgita antigos guardiões.  
As formas se despem no encaço das sombras.  
As hortaliças alimentam a manada perdida  
de nossas impiedosas ilusões.

## PALCO

Por entre as dobras as formas se fortalecem,  
mistério mascado por desmaios e mergulhos.  
Grandeza composta pelo milagre da imitação,  
meu corpo entregue ao teu, para que seja  
a árvore que nos protege da fome imprevista.  
O que fazer com a casa adormecida no alto?  
O homem cavou rápido e descobriu uma pedra  
que imita todas as formas e a todos convence.  
Fez dela seu argumento de céu e sepultura.  
À sua volta traçou um perímetro que não permite  
visita ou oração, uma trégua, para que o mundo  
volte a ser a expressão incontestável da cópia.



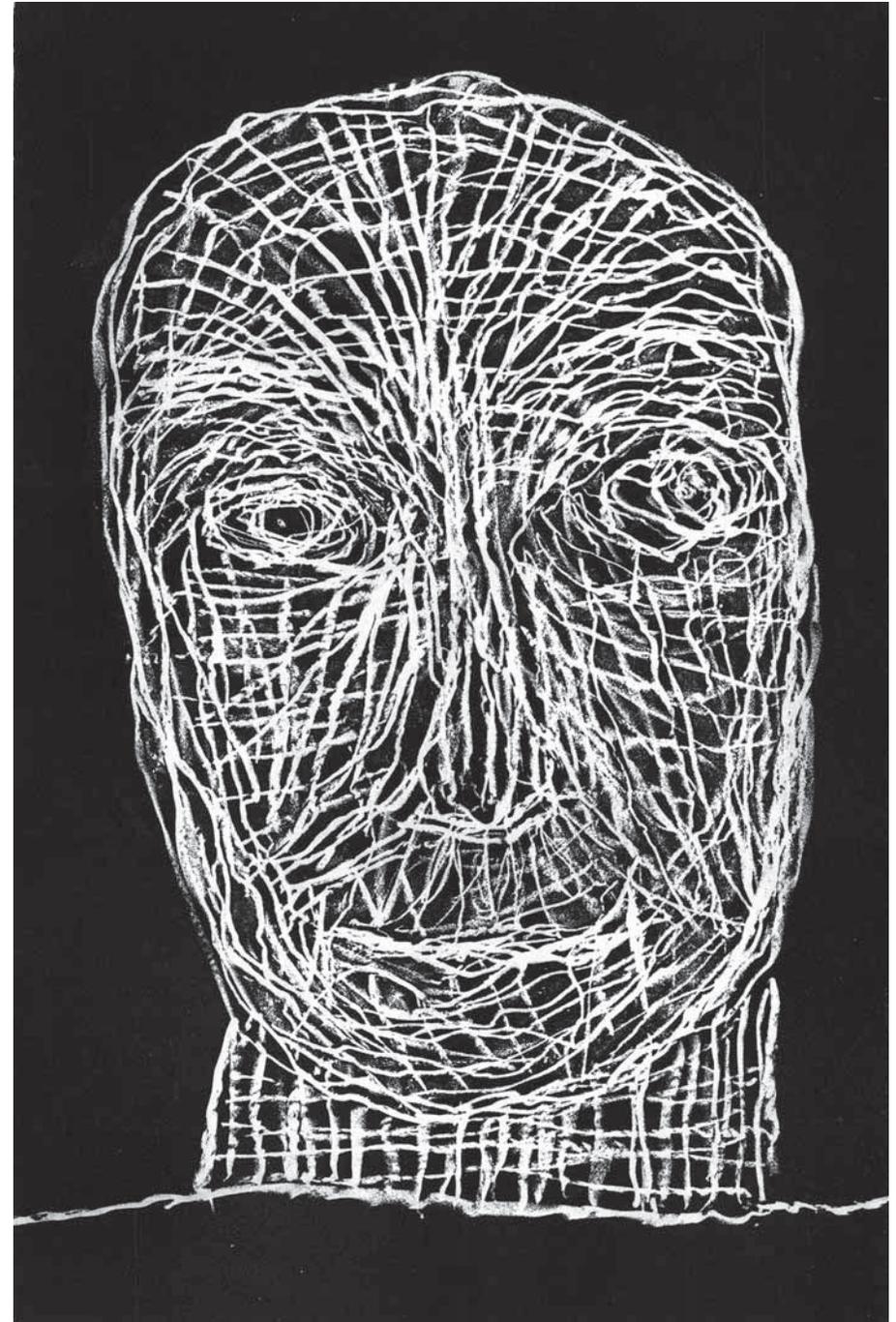


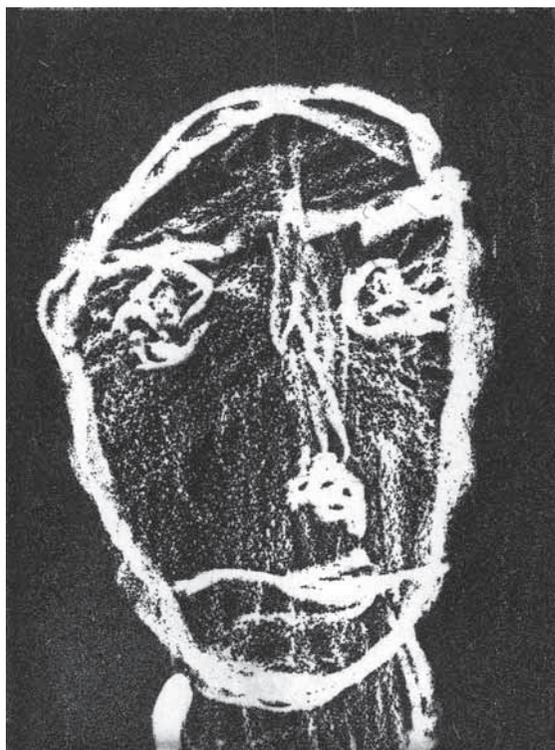
## O ERUDITO

Quantas são as perdas soterradas  
sob o olhar ilegível do filho?  
Quatro ou cinco casas invadidas  
antes que o rio desviasse o curso  
do abismo que julgávamos nosso.  
Uma pedra no nome e o caminho se desfaz.  
Não encontro mais quem busco  
na outra metade exposta do acaso.  
Quem furta a mensagem e soterra  
sua ausência com piolhos indecisos?  
Quantas vezes aqui estive a narrar  
a biografia selvagem das pedras  
que se recusaram a mascar  
o arenito de seus próprios sonhos?  
Não contem quanto pode uma vida  
se repetir em cada um de nós.

## INDAGANTE

De que lado estamos quando estamos todos juntos?  
Ao compartilhar a resina das estações ou adorar  
o sangue de todas as sombras devotas atraídas,  
de que lado estamos quando deus algum nos descrê?  
Se não é verdade que fomos feitos para a dúvida,  
com quantas pausas alimentamos a confiança mútua?  
Quantas lástimas creditamos ao indisfarçável gozo  
de pousar em todas as árvores não importa a fruta?  
Somos atraídos pela vertigem ou pela harmonia?  
Vamos deixando que cada um rasgue seu caminho  
– os trens, os gatos, o átomo, a inveja, as sutilezas –,  
que toda forma, cedo ou tarde, venha comer aqui.  
Nos assemelhamos à grande roca do destino,  
em que a existência humana engole todas as cifras  
do que lhe parecia ser sonho, ilusão, desejo – porém,  
quando estamos todos juntos, de que lado estamos?





## INÚTIL

A pele ilude o fogo,  
a sombra ilude o sol,  
a dor ilude o ardil.

Meu nome ilude o teu passado,  
a tua cama ilude o meu desejo,  
as cinzas iludem qualquer morte.

Toda permanência um dia se esvai,  
todo mito termina por evadir-se,  
qualquer acaso um dia se torna previsível.

O nome queima sua sombra sem explicação,  
a fábula reservou um capítulo à hipocrisia,  
o horizonte se perde sem saber o que olhar.

Não temos fogo, não temos frio.  
Não temos nome, não temos ilusão.  
não temos sol, não temos sombra.

## ESQUECIDO

Agora diremos que o mundo foi esquecido,  
quando a dor mais sofre em sua nova morada.  
Os deuses não se repetem. Somos sempre  
os mesmos atraídos por seu mistério oculto.  
Prepara um cantil de sonhos para cruzar o dia.  
Copia todas as formas tangíveis de anonimato.  
Que ninguém perceba a que tribo pertences.  
O mundo é um sequestro da própria identidade.





## OBSOLETO

A pedra cerzida na coxa do tempo,  
a consulta atribuída ao acaso, um filho  
que passou por aqui e não retornou...  
Os cascalhos de um enigma corrente  
se empilham em uma lixeira imaginária.  
Jamais saímos daqui a parte alguma.  
A sombra se esconde sob a paisagem,  
o espírito se enamora do espelho,  
o esqueleto tropeça em seus discos.  
Tudo parece agir como uma relíquia.  
Sem notas fiscais ou de pé de página.  
O mundo se move como uma alegoria  
de truques gastos e retrato embaçado.  
Não importa quanto dissemos adeus.  
Jamais nos livramos de nós mesmos.

## MELANCOLIA

A grande casa divide o reino.  
Nem todas as árvores ressuscitam.  
Os animais sabem que a letra é um osso.  
Há muito aguardamos um mensageiro  
que nos traga uma folha de verdade.  
A angústia está por aqui há tanto tempo  
que desconfiamos tenha vindo de outra morada.  
Esperamos pelo melhor, enquanto entalhamos  
o pó de nosso sofrimento.  
Por vezes o acaso demora a chegar.





## INÓSPITO

Agora o espinhaço do tempo  
revela o barro de sua arquitetura.  
Oito mensageiros percorrem  
a cidade devorada por suas esquinas.  
O vento se chama Palavra de Pé.  
Renomeia seus oradores desaparecidos  
e põe uma pedra de sal no ventre  
de cada herança semeada sob o sol.  
Até aqui não sabíamos que a morte  
é uma confissão de tudo o que somos  
e já não podemos fingir ou suportar.

## CONLUIO

Deus das terras ofendidas, das montanhas abandonadas,  
dos tributos que converteram o refúgio em tempestade.  
Deus das flores rasgadas, das tribos afastadas de seus avós,  
do pasto que perdeu suas sementes para outras esferas.  
Em uma próxima geração ressurgem todos os erros.  
O poderoso domínio da ansiedade não tarda muito,  
nada o impede de converter vigias, arautos e carpideiras.  
O dia é testemunho de um milagre humilhado,  
de um pomar que não se reconhece em seus filhos,  
de uma falsa viagem que nos reconforta por repetir-se.  
Deus que a todo instante não se cansa de multiplicar-se,  
deixemos um pouco de rastro em cada sofrimento,  
para que não sejamos sempre as mesmas vítimas gastas.





## ÁGUAS PASSADAS

Dois céus corrigem o efeito das queimadas,  
a cara feia e alargada dos gemidos da terra.  
A angústia semeia novas manchas e fogos,  
e dois outros céus gritam por mais mãos no tear.  
A casa se ergue como uma conquista  
sobre o lixo que não cessará sua pastagem.  
A casa confessa os matizes de severos atos:  
os ratos no reflexo da chaminé, a água febril  
nas calhas da ilusão, o verme cobrindo o milharal.  
As dores vigiam os planos do horizonte,  
como se um tropel de piolhos rasgasse  
uma trilha de jogos sangrentos na pele da noite.  
Dois céus se preparam para uma nova afronta.  
Toda a aldeia está soterrada pela infâmia.  
Vomita a boca rasgada do tempo, o fogo  
apavorado por tanto sangue sugado, a morte  
contando os passos até que a piedade volte  
a encarregar-se de nomes, números, ossos.

## SEM ANTES

A avó veio buscar comida, antes que o sol  
parasse de latejar. O sangue da avó  
não parava de chegar, e permanecia rascunhando  
na pedra os animais do presságio.  
A avó mantinha a cabeça sempre para frente,  
e abençoava os farrapos que resistiam a apodrecer.  
Um dia ensinava canto às corujas. E logo  
ressuscitava o encanto das alegorias sacrificadas.  
Treze crianças continuavam dançando  
enquanto o mistério passava de mão em mão.  
O que a avó teria entalhado em sua face,  
para que dali não saíssemos jamais?  
Que engendro terá deixado passar sem antes  
acentuar seus fulgores na pedra de seu coração?  
A avó sempre nos dizia que o mundo precário  
afugenta os milagres e crê no perdão.





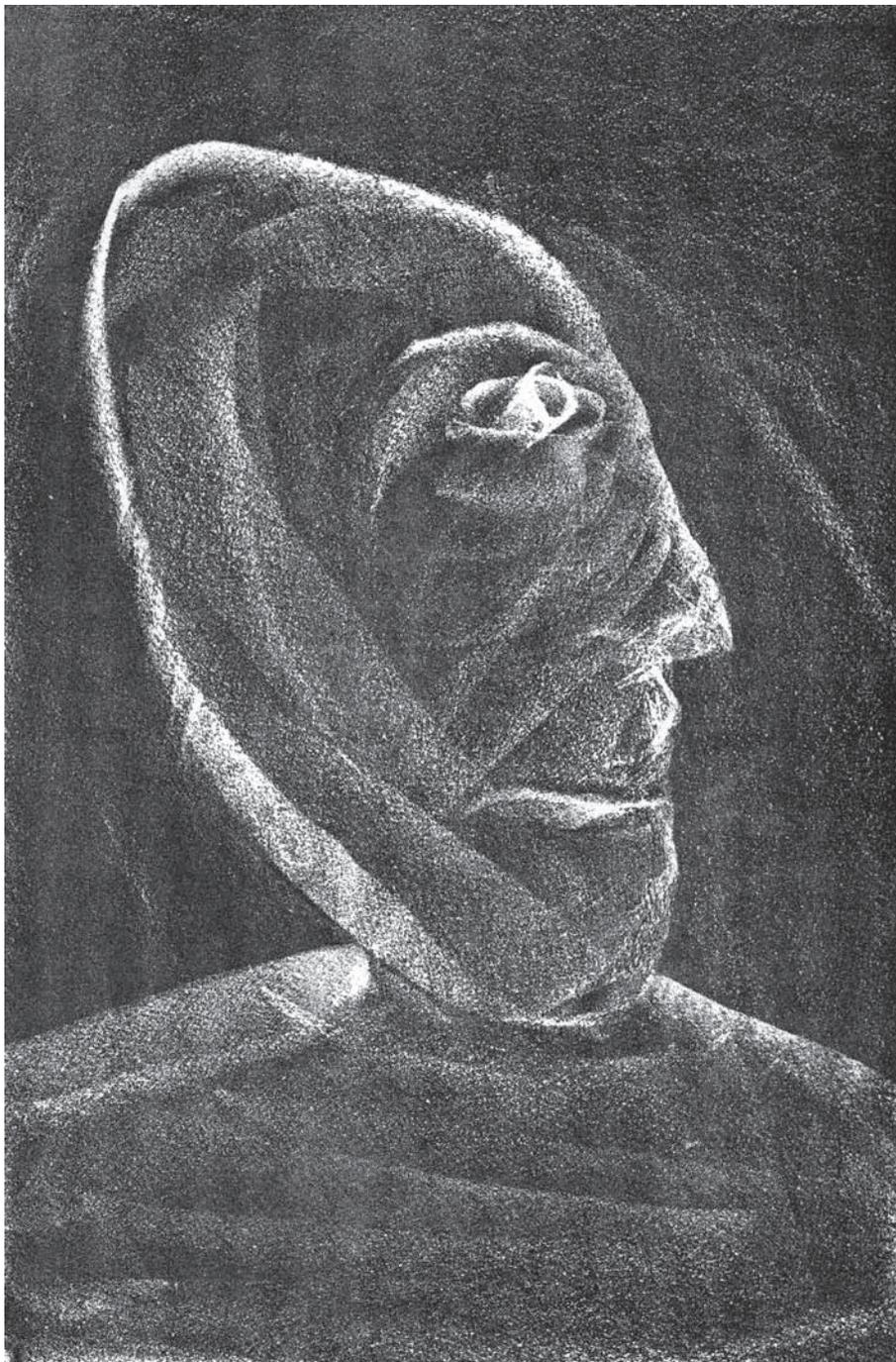
## ALICIADOR

Quatro vezes dei constância aos ofícios  
de que não teremos jamais que regressar.  
Os semelhantes não disseram quantos,  
simplesmente se foram, desapareceram.  
À míngua não morreremos, sem espelho  
ou cinzas que testemunhem nossa dinastia.  
Sobraram tribos por contar, e cultos  
que não sabemos se hostis ou vulgares.  
Os filhos estão em quartos propícios  
à redoma para que lhes suture os sofrimentos.  
Quantas vezes dei constância aos sacrifícios  
para que se dissipem antes de toda colheita?  
Não convém fazer cópias do mesmo templo.  
As formas devem desaparecer dentro de nós  
como o acidente imperativo da permanência.

## PEREGRINOS

Por três provas do mesmo dia  
a árvore procurou terra onde melhor  
enterrar os restos de sua memória.  
Não soube com quem deixar a cabeça.  
Com sete mortes ninguém estranha mais castigo.  
Estrondos se ouviam da outra margem da noite.  
Vozes seguiam a tristeza por quatro caminhos.  
Um deles lamentou não dar em parte alguma.  
Outro cheirava a encruzilhada  
e por sua bênção nada amanhecia.  
Não havia tempo para consolar os acordes  
entalados em rudes instrumentos.  
A árvore rangia quando passava.  
Por três vislumbres da mesma cena  
a memória se desfazia de seu inútil cortejo.





## VISIONÁRIO

Morrer de frio em nome de quem se ama  
é desconhecer as sementes do fogo.  
Irrigar os verbos que não se deixam enganar.  
O totem é tão triste quanto a língua constricta.  
Os vermes encharcados de maldição,  
a miséria humana retalhando a grandeza dos céus.  
A avó caminhou sobre seu próprio nome,  
decidida a desbastar o mistério de cada colheita.  
Esquecemos o nome dos lugares e as pedras  
em que os deuses foram lavados. A cada manhã  
acordamos nos braços de um desfiladeiro.  
Os deuses são monos, como sorradeiras  
estátuas escondidas no capim das montanhas.  
Indispensável dizer quantos nomes  
foram desconhecidos, narrar as dúvidas,  
vestir as algazarras, dizimar as trilhas  
rastejantes e todas as tribos do espelho.  
Algo degela o coração de cada mito desfeito,  
dança com as trevas modificadas, salta  
de um barro a outro em uma orgia de deuses,  
feito um alucinante vozerio de estatuetas.  
O que estivemos a dizer o tempo inteiro?  
O mito muda a língua,  
a língua vicia o truque,  
o truque é a linguagem dos deuses.  
O homem está sempre fora de lugar.  
A cada instante parece retornar ao ponto de partida,  
horta singular de prantos, colmeias da ilusão,  
como se houvesse desistido da existência,  
ou talvez ela não fosse mais do que um rio,  
uma metáfora perdida, um voto de silêncio.

## SALA DE ESPERA

Nada é imóvel nas quatro conchas da criação.  
As noites uivam feito um pulmão repleto de música.  
Os desertos caminham pelo espinhaço da terra.  
Pequenos demônios refletem seus atos na teia dos rios.  
Raios arriscam uma perna em toda alma em chamas.  
Nada modela o passado ou garimpa o futuro.  
O acaso supõe domínio completo sobre o homem.  
Que me tragam o sol com suas facas de ponta,  
o gorjeio das bússolas, as canções de ventre,  
o olhar rasgado das primeiras clareiras,  
a chuva roubada na boca das nuvens...  
Cada vez que nos reunimos para venerar ossos  
ou cozinhar feras íntimas, as dores tremulam  
suas contas – um alvoroço de filhos –, o rito  
sofregamente mudando seus filtros de lugar.  
A curiosidade lambe os beijos. Amanhecer é um ultraje.



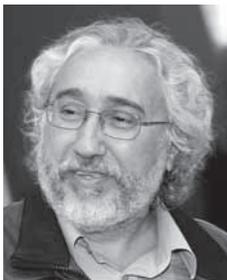
## SOBRE OS AUTORES

VALDIR ROCHA (São Paulo, 1951) é pintor, desenhista, escultor e gravador, com dedicação às artes plásticas desde 1967. Parte expressiva de suas obras está reproduzida nos seguintes livros: *Mentiras Verdades-meias e Casos Veros* (desenhos, pinturas, esculturas e textos diversos), São Paulo, 1994; *Xilogravuras* São Paulo, 2001; *Cabeças* São Paulo, 2002; *Gravuras em Metal*, São Paulo, 2002; *Titeres de Ninguém*, Florianópolis, 2005; *SÓS* (desenhos e pinturas sobre papel impresso), São Paulo, 2010; *Confidências* (desenhos e pinturas sobre papel impresso), São Paulo, 2013; e *Lembrança de homens que não existiam* (desenhos e poemas, com Floriano Martins), Fortaleza, 2013. A obra de Valdir Rocha é objeto de diversas monografias, como as seguintes: *A Escultura de Valdir Rocha*, de Mirian de Carvalho, São Paulo, 2004, e *O Desenho de Valdir Rocha*, de Péricles Prade, São Paulo, 2010. Em 2012, foi publicado o livro *Só sobre SÓS* de Valdir Rocha, coordenado por Péricles Prade, Florianópolis, com textos de 17 autores. Realizou exposições individuais e participou de algumas coletivas. Contato: vr@valdirrocha.art.br.



Fotografia por Takaki Kumeda

Fotografia por Fábio Chiba



FLORIANO MARTINS (Fortaleza, 1957). Poeta, ensaísta, tradutor e editor. Diretor da *Aguilha Revista de Cultura* e da ARC Edições. Estudioso do Surrealismo e de poesia de língua espanhola. Tradutor de Federico García Lorca, Guillermo Cabrera Infante, Pablo Antonio Cuadra, Vicente Huidobro e Aldo Pellegrini. Alguns de seus livros de poemas: *Cenizas del sol* [edição trilingue, com o escultor Edgar Zúñiga] (Costa Rica, 2001), *Tres estudios para un amor loco* [tradução de Marta Spagnuolo] (México, 2006), *Doas mentiras* (Brasil, 2008), *Teatro imposible* [tradução de Marta Spagnuolo] (Caracas, 2008), *Fuego en las cartas* (edição bilíngue, tradução de Blanca Luz Pulido] (Espanha, 2009), *Autobiografía de um truque* (Brasil, 2010), *Em silêncio* [com Viviane de Santana Paulo] (Brasil, 2014), e *Overnight medley* [edição trilingue, com Manuel Iris] (Brasil, 2014). Contato: arcflorianomartins@gmail.com.

## ÍNDICE

Espectro	4
Insaciável	6
Névoa	8
Futrica	10
Ambíguos	12
Imerso	14
Desmemoriado	16
Subida	18
Escárnio	20
Rastro	22
Incrédulo	24
Sócios	26
Apanhado vivo	28
Réu confesso	30
Nunca	32
Pacto	34
Mais três	36
Circo	38
Palco	40
O erudito	42
Indagante	44
Inútil	46
Esquecido	48
Obsoleto	50
Melancolia	52
Inóspito	54
Conluio	56
Águas passadas	58
Sem antes	60
Aliciador	62
Peregrinos	64
Visionário	66
Sala de espera	68

Impressão e Acabamento  
Digital Page